

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
CURSO (CPOS-FA)
2016/2017



TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO INDIVIDUAL

O PODER AÉREO PORTUGUÊS NO
TEATRO DA GUINÉ 1972/74
-
DISPOSITIVO, APLICAÇÃO E
EFETIVIDADE

O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO NO IUM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS OU DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA.

João Pedro da Silva Rodrigues
CAPITÃO/TÉCNICO DE PESSOAL E APOIO ADMINISTRATIVO



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**O PODER AÉREO PORTUGUÊS NO
TEATRO DA GUINÉ 1972/74**

-

**DISPOSITIVO, APLICAÇÃO E
EFETIVIDADE**

**CAPITÃO/ TÉCNICO DE PESSOAL E APOIO
ADMINISTRATIVO**

João Pedro da Silva Rodrigues

Trabalho de Investigação Individual do CPOS-FA 2016/2017

Pedrouços 2017



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**O PODER AÉREO PORTUGUÊS NO
TEATRO DA GUINÉ 1972/74**

-

**DISPOSITIVO, APLICAÇÃO E
EFETIVIDADE**

**CAPITÃO/ TÉCNICO DE PESSOAL E APOIO
ADMINISTRATIVO**

João Pedro da Silva Rodrigues

Trabalho de Investigação Individual do CPOS-FA 2016/2017

Orientador: **TCOR/ENGEL Paulo Cabedal dos Santos**

Pedrouços 2017



Declaração de compromisso Antiplágio

Eu, João Pedro da Silva Rodrigues, declaro por minha honra que o documento intitulado “**O Poder Aéreo Português no Teatro da Guiné: 1972-74**” corresponde ao resultado da investigação por mim desenvolvida enquanto auditor do CPOS no período 2016/2017 no Instituto Universitário Militar e que é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas referências bibliográficas.

Tenho consciência que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética, moral, legal e disciplinar.

Pedrouços, 26 de junho de 2017

João Pedro da Silva Rodrigues
CAP/TPAA



Agradecimentos

A todos os que contribuíram de forma direta ou indireta na elaboração deste trabalho deixo os meus agradecimentos, nomeadamente, a sua excelência o Sr. Tenente-General António Martins de Matos pela amabilidade em dispor do seu tempo para me receber e ajudar nesta investigação. O seu contributo, como piloto operacional de *Fiat G-91* e *Do-27* no Teatro da Guiné no período em estudo, foi determinante.

Um obrigado, meu General.

Também, ao meu Orientador, o Sr. Tenente-Coronel, Engenheiro Eletrotécnico, Paulo Cabedal dos Santos, que permitindo a minha total liberdade de atuação, soube indicar qual melhor direção a tomar no percurso trabalho e pautando as suas sugestões e críticas pela assertividade, contribuiu diretamente que este trabalho atingisse os seus objetivos.

Aos militares das Forças Armadas que nobremente cumpriram o seu dever em África sob as cores de Portugal.

Obrigado.



Índice

Introdução.....	10
1. Revisão da Literatura, Modelo de Análise e Metodologia Seguida	13
1.1 Revisão da literatura.....	13
1.2 Modelo de análise	14
1.3 Metodologia Seguida	16
1.3.1 Estratégia e desenho da Investigação	16
1.3.2 Percurso Metodológico.....	16
1.3.3 Técnicas de recolha, análise e tratamento de dados	16
2. A Guiné – Contexto e Caraterização do TO	18
2.1. Contexto	18
2.2. Caraterização do TO	19
2.2.1. A Topografia e o Clima	19
2.2.2. O PAIGC.....	20
3. A Estratégia Aérea-Dispositivo e Meios Aéreos e Missões	23
3.1. Dispositivo e meios	23
3.2. Missões.....	24
4. A Efetividade do PA	27
Conclusões.....	34
Avaliação dos resultados obtidos	34
Contributo para o conhecimento	37
Recomendações e outras considerações de ordem prática	38
Limitação da investigação e abertura para pesquisas futuras.....	38
Bibliografia.....	39



Índice de Anexos

Anexo A-1 “Acta Reunião de Comandos” – Bissau, 15 de maio 1973 (excertos).	Anx A-4-1
Anexo B-1 “Dispositivo das FFAA e do PAIGC em 1973”	Anx B-1
Anexo C-1 “Armas Antiaéreas usadas pelo PAIGC”	Anx C-1
Anexo D-1 “Instruções para combate a helicópteros – PAIGC”	Anx D-1

Índice de Apêndices

Apêndice A-1 "Conflito na Guiné, perspetiva aérea"	Apd A-1
Apêndice B-1 “Mirage IIIE vs Fiat G91”	Apd B-1
Apêndice C-1 “Outras aeronaves utilizadas pela FAP no CTIG” I.....	Apd C-1
Apêndice D-1 “Outras aeronaves utilizadas pela FAP no CTIG” II	Apd D-1

Índice de Figuras

Figura 1: ZPU-4.....	22
Figura 2: SA-7 “Strela”	22
Figura 3: Dispositivo da FAP na Guiné entre 1960-1975	23
Figura 4: Esquadra 121-ALIII "Canibais" e Esquadra 121-Fiat G91 "Tigres"	25
Figura 5: Evacuação sanitária através de Dornier-27	26
Figura 6: Camara fotográfica Vinten F95 instalada no nariz do Fiat G-91	26
Figura 7: Helicóptero ALIII “Lobo Mau”	28
Figura 8: Fiat G-91/R4 na BA1, Bissalanca	29
Figura 9: Evacuação Sanitária por ALIII	30
Figura 10: Preparação de Heli-assalto	31

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Exploração Operacional dos meios aéreos no CTIG em 1974.....	27
Gráfico 2: Ações aéreas de ataque em 1973.....	33
Gráfico 3: Ações aéreas de ataque em 1974.....	33



Resumo

Este trabalho foi elaborado no âmbito do Curso de Promoção a Oficial Superior incidindo no impacto do Poder Aéreo Português no conflito entre as Forças Armadas Portuguesas e o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde no território da atual Guiné-Bissau, e, especificamente na análise da estratégia que a Força Aérea Portuguesa adotou na sua atividade operacional.

Com tal desiderato foi necessário investigar e analisar os meios disponíveis, o dispositivo, a tipologia de missões e o emprego das aeronaves, capacidades do adversário e concluir quanto à efetividade das operações executadas pela Força Aérea.

A metodologia aplicada e tendo em conta que se trata de uma investigação de índole histórica, segue um raciocínio essencialmente indutivo com uma estratégia de tipo qualitativa.

Quanto ao desenho de pesquisa, este seguiu a matriz de pesquisa histórica, centrando-se na análise crítica de conteúdos oriundos de fontes textuais, impressas e manuscritas, primárias e secundárias.

Do estudo e conclusões acerca da efetividade estratégia aérea utilizada pelo Poder Aéreo português no conflito da Guiné entre 1972-74, destaca-se que a sua capacidade de adaptação mantendo um elevado grau de atividade e efetividade operacional, a flexibilidade e capacidade de manter a iniciativa do lado português.

Palavras-chave

Poder Aéreo, Força Aérea, PAIGC, Estratégia Aérea, Efetividade



Abstract

The present work was carried out as part of the Superior Officer Promotion Course and focused on the impact of the Portuguese Air Power in the conflict between the Portuguese Armed Forces and the African Party for the Independence of Guinea and Cape Verde in the Guinea-Bissau territory and, more precisely, in the analysis of the Portuguese Air Force strategy in her operational activity.

To achieve such an undertaking, it was necessary to investigate the means, the infrastructure, the missions, the air assets employment, the adversary and conclude about the effectiveness of Air operations executed by the Air Force.

Considering the historic aspect of this research, its methodology follows essentially an inductive reasoning with a quality strategy method.

In terms of research design, this work has followed an historic research matrix, focusing in the critical analysis of text and oral sources, both primary and secondary.

Following the study and conclusions reached about the effectiveness of the Portuguese Air Power strategy in the Guinea conflict between 1972-74, it is highlighted its capacity to adapt maintaining high operational activity and effectiveness, its flexibility and role on keeping initiative on the Portuguese forces side.

Keywords

Air Power, Air Force, PAIGC, Air Strategy, Effectiveness



Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AESC	Ataque em escolta
AFA	Academia da Força Aérea
ALIII	Aeronave <i>Alouette II</i>
ATAP	Ataque em apoio próximo
ATIP	Ataque independente planeado
ATIR	Ataque independente em reconhecimento
BGEN	Brigadeiro-General
CTIG	Comando Territorial Independente da Guiné
FAP	Força Aérea Portuguesa
FFAA	Forças Armadas Portuguesas
H/V	Horas de voo
IUM	Instituto de Estudos Superiores Militares
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organisation</i>
NEP ACA	Norma de Execução Permanente Académica
OE1	Objetivo Específico um
OE2	Objetivo Específico dois
OG	Objetivo Geral
PA	Poder Aéreo
PAIGC	Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
PCA	Posto de Comando Aéreo de Operações
PCV	Posto de Comando Volante
PD1	Pergunta Derivada um
PD2	Pergunta Derivada dois
PP	Pergunta de Partida
RFOT	Reconhecimento fotográfico
RTP	Rádio e Televisão de Portugal
RVIS	Reconhecimento visual
SEAD	<i>Supression of enemy air defense</i>
TASS	Transporte de assalto
TESP	Transporte especial
TEVS	Transporte de evacuação sanitária
TGEN	Tenente General
TGER	Transporte Geral



TII	Trabalho de Investigação Individual
TMAN	Transporte de Manobra
TO	Teatro de Operações
ZACVG	Zona Aérea da Guiné e Cabo Verde



Introdução

O presente Trabalho de Investigação Individual (TII) foi subordinado ao tema “*O Poder Aéreo Português no Teatro da Guiné: 1972-74*” e relacionou duas áreas do saber integrantes do Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS): o Poder Aéreo (PA) e a História Militar de Portugal.

É no ambiente do Conflito do Ultramar que entre 1961-1974 opôs as Forças Armadas Portuguesas (FFAA) aos movimentos pró-independência em Angola, Moçambique e Guiné, que foi desenvolvida a investigação do presente trabalho.

Circunscrevendo-se a investigação ao conflito na ex-província ultramarina da Guiné no período de 1972/74 e partindo da análise à estratégia e operações executadas pela Força Aérea Portuguesa (FAP), pretendeu-se refletir e concluir acerca da atividade operacional da FAP no teatro de operações (TO) da Guiné entre os anos de 1972-1974.

Neste trabalho o objeto de investigação foi a atividade operacional da FAP e a investigação foi delimitada no tempo no intervalo de anos 1972-74, geograficamente ao território da Guiné-Bissau e no conteúdo ao emprego e efetividade das operações aéreas executadas pela FAP.

O intervalo temporal escolhido visou centralizar a investigação num contexto do antes, durante e após a introdução do míssil SA-7 ao serviço do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), nomeadamente como arma de defesa aérea contestando a supremacia no vetor aéreo por parte das FFAA.

A este respeito parece haver entendimentos diferentes e divergentes¹ no que concerne à execução e efetividade das missões da FAP naquele TO (Teatro de Operações) após a introdução do míssil acima referenciado, em abril de 1973.

A importância da introdução desta arma é frequentemente associada como “ponto de viragem” e inclusive como tendo alterado a relação de forças na Guerra.

Assim, este TII procurou revestir-se de relevância para a FAP, já que se tratou de uma investigação acerca da atividade operacional deste ramo das FFAA naquele que terá sido o maior desafio que até aos dias hoje se lhe apresentou² e por ter refletido sobre a influência

¹ Veja-se a entrevista concedida por Manuel dos Santos “Manecas”, ex-Comandante do PAIGC, ao *Semanário Expresso* em 16/09/2015, acerca da perda de capacidade operacional da Força Aérea Portuguesa após a introdução do SA-7 ou ainda, conforme mencionam Aniceto Soares e Matos Gomes em “A Guerra Colonial”, (...) desequilibrou a guerra a favor do PAIGC.” (2000, p. 191)

² Pelo período em que empenhou meios, pela enorme exigência de recursos humanos e materiais que implicou em três teatros de operações distanciando-se de Portugal Continental a mais de 3000 km (Guiné), 7000 km (Angola) e 10000km (Moçambique) e ainda por ter sido onde foram registadas até hoje as únicas baixas “em combate” pela FAP.



ou contribuição do PA num conflito de tipo subversivo como foram os conflitos ultramarinos e, concretamente nesta investigação, na antiga Guiné Portuguesa.

Esta investigação teve por **objetivo geral (OG)** refletir e concluir acerca da atividade operacional da FAP no TO da Guiné entre os anos de 1972-1974 ambicionando ainda atingir os seguintes objetivos específicos:

Objetivo específico 1 (OE1) - analisar criticamente os meios disponíveis no TO, o dispositivo utilizado, a tipologia de missões e as capacidades do adversário;

Objetivo específico 2 (OE2) - concluir quanto á doutrina e efetividade do emprego das aeronaves.

Para concretizar os objetivos acima descritos foram respondidas as seguintes questões:

Pergunta de Partida (PP): *“A estratégia aérea utilizada nas Operações no período de 1972-1974 no TO da Guiné pelo PA Português foi efetiva e contribuiu para atingir os objetivos políticos e militares definidos para o TO da Guiné?”*

A resposta a esta questão decorreu da análise crítica à atividade operacional da FAP no TO no período considerado.

Pergunta Derivada 1 (PD1): *“Quais os meios disponíveis, o dispositivo, a tipologia de missões, a doutrina no emprego do PA no TO e período em questão?”*

Para poder chegar a conclusões neste âmbito realizou-se a análise às aeronaves e seu emprego, aeródromos e Esquadras operacionais, missões, e como contraponto, às limitações próprias e às capacidades do adversário.

Pergunta Derivada 2(PD2): *“De que forma evoluiu a efetividade e aplicação do PA, tendo em conta a oposição do adversário e/ou outros fatores limitativos?”*

Nesta questão foi determinante investigar acerca da efetividade do emprego das aeronaves, ou seja, da capacidade ou não de produzir os efeitos desejados.

O trabalho de investigação presente teve a sua organização de acordo com o previsto nas Normas de Execução Permanente Académica (NEP ACA) nº10 e nº18 em vigor no IUM e essencialmente contera três partes distintas:

- Introdução, corpo e conclusão.

O corpo do trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo versou acerca da revisão da literatura, modelo de análise e metodologia utilizadas e o segundo capítulo procurou enquadrar a temática abordada efetuando a caracterização e evolução político-militar do TO Guiné até ao período em estudo. O terceiro capítulo centrou-se na questão da estratégia aérea adotada pelo PA português e sua concretização através da análise dos meios,



missões e dispositivo. O quarto e último capítulo do corpo do trabalho incidiu no estudo da efetividade da aplicação do PA.

Nas Conclusões foi efetuada a síntese do trabalho apresentando um sumário das linhas do procedimento metodológico seguido, das principais ideias resultantes da investigação, da avaliação dos resultados obtidos e respostas às questões colocadas que permitiram alcançar o Objetivo Geral e os Objetivos Específicos enunciados. Ainda, foram explicitados os contributos para o conhecimento, as recomendações pertinentes, as limitações da investigação e eventuais projetos de novas investigações ou trabalhos derivados ou complementares do presente.



1. Revisão da Literatura, Modelo de Análise e Metodologia Seguida

1.1 Revisão da literatura

Com o objetivo de estabelecer um ponto de partida para a investigação, aprofundar conhecimentos, verificar tendências e obter perspectivas diferentes acerca do tema e objeto de estudo foi realizada uma intensa leitura de bibliografia, sendo que para tal foram selecionadas algumas obras que se consideram de referência e que abaixo se apresenta uma breve sinopse com a contribuição que cada uma teve para o início da investigação.

A obra de *John Cann*, publicada em 2015 e intitulada “*FlightPlan Africa – Portuguese Airpower in Counterinsurgency 1961-74*” ofereceu-nos a visão de um militar e investigador estrangeiro associada a depoimentos de inúmeros aviadores militares portugueses acerca da influência e impacto específico do PA Português nos conflitos em África.

A “*Guerra d’África 1961-74*”, de Humberto Oliveira e João Ferreira³, com publicação em 2015, aborda a questão do conflito no Ultramar na perspectiva de um militar da FAP e de um historiador e investigador conceituado colocando questões e hipóteses fundamentadas, de onde se recolheu variadas visões de personalidades de relevo acerca da controversa questão da situação militar ultramarina⁴.

Por outro lado, “*Guerra Colonial*” de Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes, permitiu-nos conhecer a abordagem ao conflito efetuada por dois oficiais veteranos da guerra, um deles altamente condecorado e membro das Tropas “Comando” com várias comissões em África.

Ainda, “*A Força Aérea na Guerra em África*”, de autoria do Coronel Luís Alves de Fraga e publicado em 2004, proporcionou um olhar do conflito pela perspectiva de um oficial da FAP pela utilização do PA, ou seja, pelo emprego das aeronaves.

Por fim, uma menção à consulta efetuada às obras “*Vitória Traída*” e “*Os Últimos Guerreiros do Império*”, “*Em Nome da Pátria*” e “*Contrainsurreição em África*”, de autores variados, que complementaram e cimentaram os conhecimentos já adquiridos com as obras descritas nos parágrafos anteriores.

³ João José Brandão Ferreira é Tenente-Coronel na situação de reforma.

⁴ Por exemplo, a visão dos autores Carlos Matos Gomes e Aniceto Afonso na sua obra “*Guerra Colonial*” difere quanto à interpretação deste conflito, das visões sugeridas por Brandão Ferreira e Humberto de Oliveira em “*A Guerra d’África*” e Jaime Nogueira Pinto em “*Portugal, Os anos do Fim*”; Ainda, e após seminário realizado no IUM em 12 e 13 de Abril de 2012 com o tema “*A Guerra de África-Portugal Militar em África 1961-74*” assistiu-se a algum desacordo entre os primeiros autores aqui referidos e as conclusões apresentadas nesse seminário.



Também, foram consultadas outras fontes documentais das quais se destaca, pela importante contribuição para este trabalho, a “*Acta da Reunião de Comandos*” realizada em maio de 1973, no Quartel-General do Comando-Chefe das Forças Armadas da Guiné, onde sob a direção do Comandante-chefe BGEN António de Spínola se reuniram as altas chefias militares do CTIG, incluindo o Comandante da Zona Aérea de Cabo Verde e Guiné (ZACVG) Coronel Gualdino Moura Pinto e onde se abordou detalhadamente a situação militar na província.⁵

1.2 Modelo de análise

O modelo de análise empregue nesta investigação implicou inicialmente a definição de um plano de pesquisa bibliográfica e posterior identificação de material relevante para o estudo.

Assim, como modelo análise definiu-se uma pergunta de partida (PP) e pela análise da relação entre os conceitos de Estratégia Aérea e Poder Aéreo, sob o critério da adequação do primeiro ao segundo e medido pela efetividade, subjaz a matéria essencial deste trabalho e os objetivos preconizados. (Geral, OE1 e OE2).

De seguida, pela decomposição da PP obtemos duas perguntas derivadas (PD1 e PD2) que atendidas pela investigação, permitiram alcançar os objetivos específicos.

Assim sendo, importa explicitar conceitos que originados na análise da matriz relacional acima exposta, resultam como estruturantes:

- Estratégia Aérea, que se pode definir como uma metodologia que visa a associação das operações aéreas aos efeitos para alcançar os objetivos operacionais⁶ (Bispo, 2013).

- Poder Aéreo, que em sentido restrito pode definir-se como “...a capacidade de projetar e empregar força militar em missões defensivas, ofensivas ou de apoio. É originado por sistemas de armas, tripulados ou não, que incluem, mas não se restringem a aeronaves, helicópteros ou veículos espaciais, independentemente do serviço que as emprega, mas está, ainda, fortemente dependente do pessoal que o executa.” (Vicente, 2010).

- Efetividade, define-se como “qualidade ou situação do que é efetivo” (...) que tem efeito; que produz efeitos” (Editora, 2003-2016).

⁵ Encontra-se como anexo a este trabalho nos excertos mais relevantes.

⁶ António Jesus do Bispo, TGEN, Piloto Aviador na situação de reforma, prestou serviço na FAP por mais de trinta anos desempenhando funções cariz operacional, docência e comando e conta com várias publicações acerca dos temas de Estratégia e PA.



De uma forma gráfica e em resumo apresenta-se:

Objetivo Geral e PP	OE1 e PD1	OE2 E PD2	Conceitos estruturantes
Refletir acerca atividade operacional da Força Aérea no TO da Guiné entre os anos de 1972-74.	Analisar os meios disponíveis no TO, dispositivo, a tipologia de missões e as capacidades do adversário.	Concluir quanto á doutrina de emprego das aeronaves e sua efetividade	Estratégia Aérea, Poder Aéreo, Efetividade.
<i>A estratégia aérea utilizada nas operações no período de 1972-74 no TO da Guiné pelo PA Português foi efetiva e contribuiu para atingir os objetivos políticos e militares definidos para o TO da Guiné?</i>	<i>Quais os meios disponíveis, o dispositivo, a tipologia de missões, a doutrina no emprego do PA no TO e período em questão?</i>	<i>De que forma evoluiu a efetividade e aplicação do PA, tendo em conta a oposição do adversário e/ou outros fatores limitativos?</i>	
Critério de Medida	Critério de Medida	Critério de Medida	
Efetividade	Contribuição para a Efetividade	Evolução Positiva ou Negativa da Efetividade	

1.3 Metodologia Seguida

1.3.1 Estratégia e desenho da Investigação

Tendo em conta que se trata de uma investigação de índole histórica, a mesma seguiu um raciocínio essencialmente indutivo e uma estratégia qualitativa, predominantemente considerando “... valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. (Vilelas, 2009, p. 108).

Quanto ao desenho de pesquisa, este baseou-se na pesquisa histórica, centrando-se na análise crítica de conteúdos oriundos de fontes textuais, impressas e manuscritas, primárias e secundárias.

1.3.2 Percurso Metodológico

O percurso metodológico adotado para a execução da investigação seguiu a “fórmula” sugerida Silva Rego (1963, p. 21) dividindo-se nas seguintes etapas:

- A definição do problema (e delimitação tornando-o claro, preciso e exequível) após a leitura da bibliografia e outras fontes que possibilitaram uma análise crítica ao o nível de conhecimento que existe em relação ao tema a tratar.

- A heurística, visando a recolha e seleção de materiais relevantes para o tema através da pesquisa de material bibliográfico, fontes e outros instrumentos auxiliares provenientes de outras áreas do conhecimento alinhados com o tema a investigar, obtendo as diferentes abordagens realizadas pelos autores de referência (IESM , 2016).

- A hermenêutica, ou análise de dados, funda-se na apreciação e crítica (interna e externa) do valor dos testemunhos dos autores (IESM , 2016)

- A síntese de dados, passo último na investigação histórica, requereu uma capacidade acrescida de síntese e organização dos dados obtidos. Esta estruturação coerente da informação cristalizou-se na construção de um argumento, desejavelmente inovador, que acrescente conhecimento ao tema da investigação e responda às questões inicialmente apresentadas.

1.3.3 Técnicas de recolha, análise e tratamento de dados

Os instrumentos e técnicas de recolha de dados utilizados, basearam-se em:

- Fontes textuais impressas, primárias e secundárias, formando uma variada contudo realista e exequível base de leitura. Essa base de leitura permitiu a construção de uma base conceptual e apreender abordagens e entendimentos diversificados partindo de uma questão central. Assim, efetuou-se leitura preliminar de obras de referência⁷ acerca das temáticas do

⁷ As obras de referência que foram estudadas constam da bibliografia.



PA e da Guerra do Ultramar, como também, através da pesquisa em publicações periódicas, como a “*Revista Militar*”, a revista “*Mais Alto*” e jornais variados com artigos relevantes para este estudo e documentos oficiais como a mencionada “*Acta da Reunião de Comandos*” realizada na Guiné em maio de 1973;

- Na análise de documentários em registo vídeo, nomeadamente da série da autoria do jornalista Joaquim Furtado com produção da Rádio e Televisão de Portugal (RTP), intitulada “A Guerra”, com especial incidência nos episódios nº19 e nº30;

- Numa entrevista efetuada ao Tenente-General (TGEN), Piloto-Aviador, na situação de reforma, António Martins de Matos⁸, que foi fulcral na obtenção de dados e validação de alguns pressupostos encontrando-se sumariada em Apêndice a este trabalho.

Para análise e tratamento de dados utilizou-se a técnica do método crítico (hermenêutica), que se traduz numa postura crítica das fontes, quer pela via externa e interna (efetuada pelo afastamento e imparcialidade do investigador).

⁸ O TGEN Martins de Matos foi piloto de Fiat G-91G91 G-91 e Do-7 colocado na BA12, Bissalanca, no TO da Guiné entre 1972/74 contando nesse período com cerca 500 hora de voos no TO. (fonte: arquivo pessoal)



2. A Guiné – Contexto e Caracterização do TO

2.1. Contexto

“Se alguém passar ao vosso lado e vos segredar palavras de desânimo, procurando convencer-vos de que não podemos manter tão grande império, expulsai-o do convívio da Nação.” (Matos & Moniz, 1953)

A citação acima referida seria porventura a súpula do pensamento político vigente em Portugal à data do eclodir da luta armada dos movimentos de independência na África Portuguesa.

No conflito armado que se seguiu, o PA constituiu-se, como também hoje, elemento importante (Afonso & Gomes, 2000) no planeamento e condução das Operações Militares. Com efeito, Portugal desenvolveu o seu Poder Aéreo durante todo o século XX, com especial acutilância após a adesão à NATO em 1949, passando pela criação da Força Aérea em 1952 e pela aquisição de aeronaves para aplicação nos teatros de operações africanos.

Após a II Guerra Mundial e num contexto de enfraquecimento das tradicionais potências coloniais e com o estímulo dos dois novos blocos dominantes na Geopolítica mundial (NATO⁹ e Pacto de Varsóvia) em competição pela conquista de “espaços”, florescem os sentimentos e movimentos de independência cristalizados na Conferência de Bandung (1955) e na afirmação dos “novos ventos da história”¹⁰.

É neste cenário como pano de fundo que se iniciam as lutas armadas dos movimentos independentistas nas províncias ultramarinas em 1961 em Angola, em 1963 na Guiné e em 1964 em Moçambique. As Forças Armadas Portuguesas foram colocadas perante o hercúleo desafio de responder com força militar simultaneamente em três distantes Teatros de Operações num conflito de características subversivas.

No TO da Guiné, a luta armada inicia-se a 23 de janeiro de 1963 com o ataque ao quartel de Tite (Ferreira & Oliveira, 2015), na margem sul do rio Geba.

Até 1968, nomeadamente sob o comando do Brigadeiro-General (BGEN) Arnaldo Schulz, a postura militar seguida tinha um cariz marcadamente reativo (Cann, 2015) o que,

⁹ North Atlantic Treaty Organisation.

¹⁰Tradução de “*Wind of change*”; expressão utilizada pelo Primeiro-Ministro Britânico *Harold Macmillan* no seu discurso ao Parlamento da África do Sul em 3 fevereiro de 1960 e que ficaria para a posteridade associada à Descolonização.



por inação, entregava a iniciativa e consequente crescimento da influência do PAIGC¹¹ sobre as populações. (Castanheira, 1997, p. 56).

Em 1968 é empossado Comandante-chefe das FFAA no Comando Territorial Independente da Guiné (CTIG) o BGEN António de Spínola que protagonizou uma “grande alteração na condução da guerra” (Alves, 2004, p. 33). As FFAA tomaram a iniciativa da guerra evidenciando uma atitude mais proativa no combate ao PAIGC, ao mesmo passo que se desenvolve uma “ação psicossocial” de “sedução” das populações através do apoio médico, melhoramento das condições sociais, económicas e escolarização.

Também, é neste período que se evolui no recrutamento local de origem africana (africanização) para colmatar as crescentes necessidades de efetivos (Afonso & Gomes, 2000).

2.2. Caraterização do TO

O contexto do TO da Guiné apresentava características que o singularizavam dos restantes TO africanos, nomeadamente ao nível da topografia, clima e população. Ainda, e de forma indissociável dos fatores atrás mencionados, também o adversário das FFAA, o PAIGC, tinha características e capacidades singulares.

2.2.1. A Topografia e o Clima

Como se pode observar em qualquer carta ou estudo geográfico, o território da Guiné caracteriza-se por uma área de 36.125km² que, fruto das inundações diárias que chegam a cobrir 22% desta área, se reduz até ao 28.000km². (Cann, 2015).

A sua fronteira terrestre de 700 km, com o Senegal a norte e com a Guiné-Conacri a sul e sudeste, era inteiramente hostil à política Portuguesa e favorecia a subversão do PAIGC, garantindo entre outras, bases “santuário” logísticas no seu território para lá do alcance militar Português.

Pela exiguidade da sua área e hostilidade dos países limítrofes, a Guiné torna-se de defesa militar “difícil” (Rodrigues, 1977). No entanto e do lado positivo para as FFAA, esta exiguidade significava que as aeronaves da FAP, no máximo em trinta minutos, cobriam qualquer extensão do território da província. (Cann, 2015)

O território da Guiné é cruzado por dois principais rios (Geba e Corubal) e seus inúmeros afluentes apresentando a particularidade de diariamente sofrer inundações fluviais tornando o solo pantanoso e de árdua navegação (facto exponenciado na época pluvial)

¹¹ A situação militar no CTIG à data da chegada do BGEN Spínola é descrita por um seu ajudante, o 2º Tenente Alexandre Carvalho Neto (que mais tarde viria a ser nomeado secretário do Presidente do Conselho, Dr. Marcello Caetano), como “catastrófica, perto do colapso”.



acometendo ao PA acrescidas tarefas no transporte logístico, pessoal e de reconhecimento aéreo do terreno.(Cann, 2015).

Também, particularmente na zona Oeste da província, cerradas florestas tropicais, mangais, ausência de relevo e declives naturais beneficiavam a operação dos insurgentes pois facilitavam as emboscadas de formações militares portuguesas em patrulha ou trajeto em solos lamacentos (*bolanhas*) e pantanosos do território. Todavia difícil, apenas a pronta intervenção do PA evitava situações críticas. (Afonso & Gomes, 2000)

Com direta implicação no PA, o clima da região era muito desgastante para o pessoal europeu e para os materiais e equipamentos, caracterizando-se da seguinte forma:

- Entre novembro e maio, na época “seca” as temperaturas atingem variações entre 35-40°C, a pressão atmosférica é baixa e ocorre o localmente conhecido “Vento de Leste” que arrasta ar quente e seco misturado com pó¹².

- Entre junho e outubro, caracteriza-se por chuvas intensas (precipitação na zona costeira chega a atingir os 3mt anuais e no interior 1.25mt) e altos níveis de humidade do ar, fenómenos de ventos fortes (até 60 nós) e tornados, trovoadas e relâmpagos (Cann, 2015).

Uma representação destes indicadores pode ser ilustrada nas palavras de *Al J. Venter*, um conceituado jornalista de Guerra e autor de diversas obras e documentários, ao considerar a Guiné com um “estreito, tórrido e sombrio terreno de selva e pântanos”.¹³

2.2.2. O PAIGC

Criado em 1956 e dirigido por Amílcar Cabral,¹⁴ o PAIGC era apoiado pela Guiné-Conacri, por Cuba e pela ex-URSS (Ferreira & Oliveira, 2015). Como principal objetivo procurava a independência do território da Guiné numa lógica de integração com Cabo-Verde. (Ferreira, 2009) Tendo em vista tal desiderato, baseava sua estratégia na conquista das populações (muitas vezes pela “força”) subtraindo-as ao controlo da administração local, desagregação da atividade económica e ataque direto à infraestrutura militar e administrativa portuguesa.

Fruto dos fatores mencionados, topografia, área exígua, clima adverso, apoio externo (nomeadamente nos países limítrofes, Senegal e sobretudo Guiné Conacri) e ainda de uma

¹² O TGEN Martins de Matos refere “na época seca não se via um palmo em frente (...) não se via a ponta pista...” (...) e na época das chuvas a “...chuva doía no corpo...” (...) “Os maiores sustos que apanhei na Guiné, não foi *Strela* (...) foi o mau tempo...”.

¹³ Tradução livre.

¹⁴ Carismático líder do PAIGC; nascido na Guiné, mas de ascendência cabo-verdiana, foi assassinado em Conacri em 1973. Após o seu desaparecimento o PAIGC incrementa a sua ação militar coincidindo com a primeira utilização do míssil superfície-ar *Strela*.



liderança determinada e capaz de Amílcar Cabral¹⁵, é comumente aceite ter sido no TO da Guiné e enfrentando as forças do PAIGC, que as FFAA sentiram mais dificuldades.

Neste âmbito importa descrever e analisar, de acordo com a perspectiva *Clausewitziana* de Poder enquanto “capacidade de impor uma vontade”, a capacidade bélica deste movimento.

No período temporal em apreço de (1972-74) e sobretudo após a morte do seu líder Amílcar Cabral em 1973, o PAIGC, num esforço ofensivo¹⁶ eleva o patamar da guerra entrando esta numa nova fase. Em maio desse ano e após o surgimento do SA-7, inicia ataques maciços a aquartelamentos das FFAA, sobretudo em Guidaje, Guileje e Gadamael. (Afonso & Gomes, 2000).¹⁷

Nesta fase a força armada do PAIGC dispunha de efetivos na ordem dos sete mil homens (Afonso & Gomes, 2000) com armamento pessoal ligeiro variado, moderno e em alguns tipos, superior até ao usado o pelas FFAA. (Rodrigues, 1977). Destes destaca-se os RPG-7 e foguetes de 122mm.¹⁸

Contudo, e no âmbito do presente trabalho, impõe-se realçar o armamento com possibilidade de condicionar, mais efetivamente, o PA no TO¹⁹:

- SG-M/43 *Goryunov* com rodas e tripé – 7,62mm; apenas efetiva contra aeronaves a baixa altitude;
- DSHK *Degtyarev* com rodas e tripé – 12,7 mm; com capacidade efetiva, mas facilmente visível do ar;
- ZPU-1, com 1 cano de 14,5 mm, com cadência de 600 munições por minuto, com reboque;
- ZPU-2, com 2 canos de 14,5mm, com cadência de 1200 munições por minuto, com reboque;
- ZPU-4, com 4 canos de 14,5mm, com cadência de 2400 munições por minuto com reboque; (Cann, 2015)

Estes últimos equipamentos, as ZPU-4 (conforme figura 1) detinham potencial substancial de ameaçar o poderio aéreo português pela sua cadência de tiro, mas pouco móveis estando geralmente entrincheiradas no terreno.

¹⁵ Ver mapa da situação militar no Anexo B a este trabalho.

¹⁶ Operação “*Amílcar Cabral*”, “*A Guerra Colonial*” (2000, pp. 506-509)

¹⁷ Nesse mês de ofensiva do PAIGC as FFAA portuguesa sofreram 63 mortos, 269 feridos.

¹⁸ Nomeadamente ao nível de metralhadora de apoio HK-21, canhões sem recuo e, sobretudo de um lança-foguetes (RPG) ao nível do usado pelo PAIGC, conforme “o relatório da “*Reunião de Comandos*” de 15 de maio de 1973 realizada em Bissau.

¹⁹ Em Anexo C.



Figura 1: ZPU-4

Fonte: (Wikiwand,2017)

A partir de 1973 surge a arma antiaérea que, fruto da sua eficácia inicial, para muitos mudou o curso da guerra pelo impacto restritivo ao PA Português.²⁰ O SA-7 “Grail” (denominação NATO) ou 9K32 “Strela” (denominação Russa) de origem soviética.

O SA-7 “Grail” ou “Strela” (figura 2) tem como principais características ser portátil, ser disparado ao ombro do operador com guiamento por infravermelhos na busca fonte de calor, atingir a velocidade 1600km/h e ser eficaz entre o 45m e os 3000m (10.000 pés).

Depois da caracterização do TO, seu contexto, do adversário e principais desafios, importa agora averiguar o conceito que se procurou adotar para a utilização do PA.

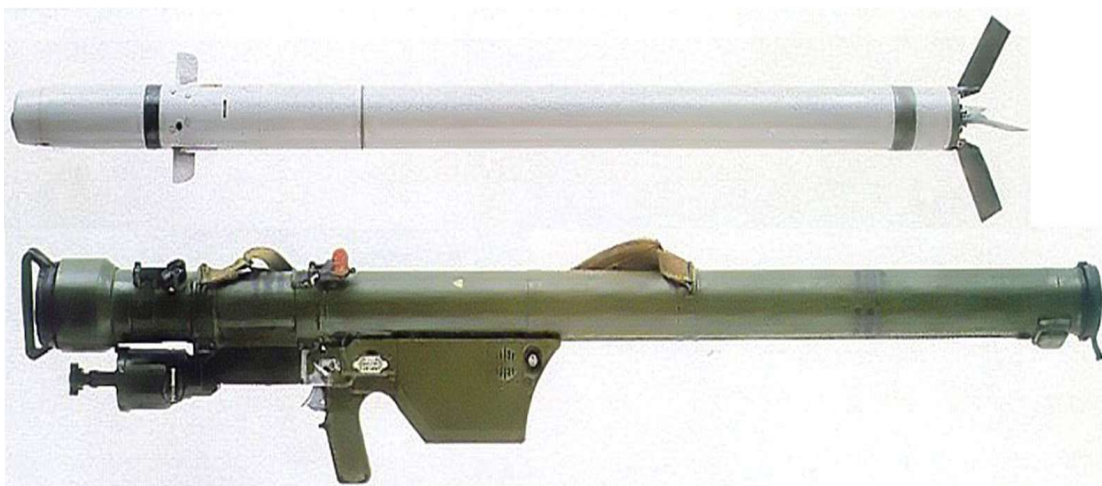


Figura 2: SA-7 “Strela”

Fonte: (USNavy, 2017)

²⁰ Adiante neste trabalho será aprofundada esta questão.

3. A Estratégia Aérea-Dispositivo e Meios Aéreos e Missões

3.1. Dispositivo e meios

Em 1972 o dispositivo (figura 3) e os meios à disposição do Comando da ZACVG no CTIG para efetuar as missões acima mencionadas eram:²¹

- Base Aérea nº12 (BA12) em Bissau (Bissalanca) com 49 pilotos colocados;
- Aeródromos de Manobra em Tite, Bafatá, Cufar, Aldeia Formosa, Ilha de Bubaque e Nova Lamego;
- Batalhão de Caçadores Paraquedistas nº 12, em Bissau;
- T6G – 11 aeronaves;
- Dornier 27 “Do-27” – 14 aeronaves;
- C-47 “Dakota” – 2 aeronaves;
- Fiat G-91 – 10 aeronaves, Esquadra 121 – “Tigres”; (ver figura 4)
- ALIII – 18 aeronaves, Esquadra 122- “Canibais”
- Nord Noratlas – 2 aeronaves.



Figura 3: Dispositivo da FAP na Guiné entre 1960-1975

Fonte: (Portal Ultramar,2017)

Na Guerra do ultramar os objetivos político-militares atribuídos às FFAA materializavam-se na defesa e integridade de todas as parcelas do território Nacional e o controlo e salvaguarda da população e bens da influência do inimigo pelo período necessário até à sua derrota militar ou da sua *vontade de lutar*²².

²¹ (Afonso & Gomes, 2000, p. 176)

²² Numa perspetiva de “luta de vontades”.



As chefias militares das FFAA rapidamente entenderam que o combate eficaz à subversão em África implicaria um reajustamento de umas FFAA convencionais para uma organização, composição e estrutura de contrainsurreição assente principalmente num paradigma de pequenas unidades ligeiras, móveis e doutrinadas no combate à guerrilha (Cann, 1997), no recrutamento local (africanização), e mormente na aposta em operações psicológicas e de cariz económico e social procurando “sedução” das populações²³ através da promoção da sua qualidade de vida. (Cann, 1997, pp. 32,33).

Neste âmbito e neste tipo de luta irregular, o PA é já em 1960 teorizado por *Pierre Clostermann*, ás da aviação francês e veterano da Guerra da Argélia, ²⁴(...) “como uma parte de um conjunto de forças no qual é fator chave para a vitória e sem o qual a guerra será perdida”.

Na prossecução do objetivo politicamente definido, a estratégia de emprego do PA no TO da Guiné, assentaria essencialmente no apoio ou contribuição para as operações terrestres através:

1. Apoio de fogo;
2. Transporte de pessoal e logístico;
3. Reconhecimento e Informações;
4. Comando e Controlo. (2015, pp. 83-85)

De outra perspetiva podemos resumir as missões da Força aérea como estratégicas, essencialmente no transporte interterritorial²⁵ e através do Transportes Aéreos Militares e como operacionais as desempenhadas pelas Unidade Operacionais, Grupos e Esquadras no terreno. (Afonso & Gomes, 2000).

3.2. Missões

A estratégia definida no parágrafo anterior implantava-se através de realização de uma variedade de missões, utilizando os meios aéreos disponíveis (por vezes com “criativa” adaptação) que efetivavam a estratégia delineada e se passam a aduzir:

- Apoio de fogo - missões de ataque ao solo, sobretudo através *Fiat G-91*, *T-6G* e *Alouette III* (ALIII) armado e que à época, se classificavam em Ataque Independente Preparado e em Reconhecimento (ATIP ou ATIR, respetivamente) de planeamento e

²³ A importância da conquista das populações na guerra subversiva, conforme se pode verificar na publicação doutrinária “O Exército na Guerra Subversiva” de 1963 de inspiração na visão e experiência francesa na Indochina e Argélia (*Guerre Révolutionnaire*) e britânica no Quênia e Malásia.

²⁴ “A Aviação na Guerra Subversiva”, *Pierre Clostermann*, conferência no Instituto de Altos Estudos Militares em Lisboa, 29 abril 1960.

²⁵ Utilizando para este fim aeronaves Douglas DC6 e Boeing 707

execução independente da FAP sem necessidade de coordenação com meios terrestres em áreas para tal designadas.

Executadas sobretudo no ataque a antiaéreas ZPU-1/2/4²⁶ (na doutrina atual, operações *SEAD*²⁷) importa mencionar que estas operações se inseriam no princípio doutrinário (não documentado) que o Sr. TGEN Martins de Matos refere de imediatamente “castigar” e destruir qualquer arma que ameaçasse as aeronaves, não permitindo impunidade nos ataques da defesa aérea do PAIGC.

Também se materializava o apoio de fogo através do Ataque em Escolta (AESC), utilizando os *ALIII* armados com um canhão de 20mm francês *Matra* MG-151 (helicanhões) em escolta a outros helicópteros que transportavam tropas de assalto ou efetuavam outro tipo de transporte. Os *ALIII* equipados com canhão de 20mm tornaram-se uma das armas mais temidas pela guerrilha. (A Guerra, 2007-2012)²⁸

Para finalizar, Ataque em Apoio Próximo (ATAP), traduzia-se em missões de apoio de fogo a tropas no solo que o solicitavam²⁹ requerendo coordenação com as forças a apoiar para evitar “fogo amigo”. Estas missões eram efetuadas por T-6G “Harvard” (armados de com metralhadoras de 7.62mm, foguetes ou 2 bombas de 50kg) e *Fiat* G-91/R4 (armados com metralhadoras de 12.7mm e com bombas de 15, 50 e 200kg e de 500 ou 750 libras). (Bispo, 2010)



Figura 4: Esquadra 121-ALIII "Canibais" e Esquadra 121-Fiat G91 "Tigres"

Fonte: (Pássarodeferro,2017)

- Transporte de pessoal e logístico: missões Transporte de Assalto (TASS) transportando tropas de assalto com *ALIII*, missões Transporte de Manobra (TMAN) movendo tropas em manobra no TO, missões Transporte de Evacuação Sanitária (TEVS) de

²⁶ Por exemplo ver operações *Resgate*, *Estoque*, *Valquíria*, *Barracuda*, *Faisca*, *Martelada*, *Vulcano*.

²⁷ *Supression of enemy air defense*.

²⁸ Ver episódio nº 19.

²⁹ Na doutrina atual intitula-se por “*Close Air Support*”.

evacuação de feridos através de helicóptero e Do-27, missões Transporte Gerais (TGER) de cariz logístico e missões Transporte Especial (TESP) de transporte de personalidades importantes ambas através de Do-27



Figura 5: Evacuação sanitária através de Dornier-27

Fonte: (Jaime Machado, 2017)

- Reconhecimento e Informações, missões Reconhecimento Visual (RVIS) com Do-27 e Reconhecimento fotográfico (RFOT) através de *Fiat G-91* com camara fotográfica adaptada³⁰(ver figura 6).



Figura 6: Camara fotográfica Vinten F95 instalada no nariz do Fiat G-91

Fonte: (Aerostoriajet, 2017)

- Comando e Controlo, Posto de Comando Aéreo de Operações (PCA) e Posto de Comando Volante (PCV).

³⁰ Equipado com quatro camaras de alta resolução Vinten F95 MK3 (70mm), gravador D-68 e uma câmara de filmar KB-3 instalada no cockpit.

4. A Efetividade do PA

Neste capítulo pretende-se determinar o grau de efetividade da ação do PA e, para tal, importa então aferir se a ação do PA produzia efeitos no decurso da guerra.

No período em análise de 1972-1974 e a partir da BA12 foram realizadas 15.404 H/V (horas de voo) em 1972³¹, 14.625 H/V em 1973 e em 1974 até abril realizaram-se 4064 H/V (gráfico 1). De 1972 para 1973 houve um decréscimo de 779 H/V, ao qual não será alheia a introdução nos céus da Guiné do míssil superfície-ar SA-7 “*Strela*” e o período inicial de confusão e receio (Bispo, 2010).

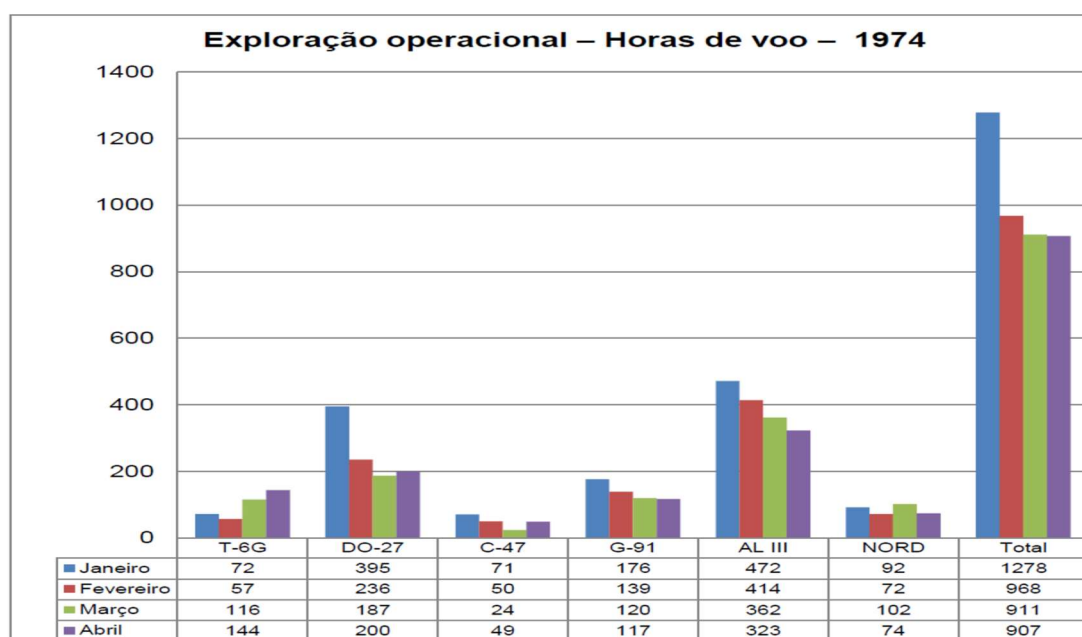


Gráfico 1: Exploração Operacional dos meios aéreos no CTIG em 1974

Fonte: (Hurley & Matos, 2014)

Considerando o dispositivo e os meios à disposição, sobretudo aeronaves obsoletas para um TO europeu, e tendo em conta os locais de maior atividade do PAIGC constata-se que até ao surgimento do SA-7, o dispositivo e os meios foram empregues muitas vezes de forma decisiva (Cann, 2015) nas várias tipologias de missões aludidas anteriormente. Com efeito e conforme Cann (2015, p. 433), até 1973 a FAP destruiu sistematicamente o complexo antiaéreo do PAIGC e providenciava o apoio de fogo adequado que, muitas vezes ao nível tático, permitia o prevalecer das forças de portuguesas.

Contudo, no decurso desta investigação apurou-se, com base em testemunho do operacional, que apesar de uma contribuição válida, a aeronave *Fiat G-91* partindo de Bissalanca, não dispunha da autonomia suficiente para sustentar operações na área leste da província, zona do atual Gabu (Matos, 2017).

³¹ Em 1972 a BA12 foi Unidade da FAP que mais voou.

Em Gabu existia um aeródromo de apoio que surpreendentemente não estava preparado para sustentar operações porquanto não era mais que duas pistas e algumas instalações de apoio não dispoñdo de pessoal aí colocado, mecânicos e de operações. Para o utilizar era necessário destacar estes meios sempre *à anteriori* para o local (Matos, 2017). Desta forma, a aquisição de uma aeronave com maior capacidade de autonomia teria tido certamente efeitos mais efetivos. Á época, a aeronave *Dassault Mirage III E*³², parecia reunir estes requisitos e a sua aquisição estava planeada para substituição do *Fiat G-91* (Matos, 2012) adquirido menos de dez anos antes.

Analizando as aeronaves empregues em funções de apoio de fogo em missões de ATAP/ATIP/ATIR, é consensual que o meio utilizado com maior impacto em de apoio às operações terrestres foi o helicóptero *ALIII*³³. Com efeito, o elevado grau de mobilidade e surpresa que este meio aéreo trouxe, nomeadamente com o TASS por helicóptero em qualquer local e com relativa surpresa foi decisivo para o sucesso de operações especialmente existindo coordenação com o apoio de fogo. (A Guerra, 2007-2012)

No apoio de fogo, a introdução do helicanhão *ALIII* (figura 7) armado com um canhão de 20mm MATRA MG-151 (vulgarmente designado por “Lobo Mau”) com a cadência de 700 disparos por minuto teve enorme impacto, conforme as próprias afirmações dos efetivos do PAIGC (A Guerra, 2007-2012)³⁴ e opinião generalizada de operacionais FAP.



Figura 7: Helicanhão ALIII “Lobo Mau”

Fonte: (Américo Dias, 2017)

A aeronave T-6G, uma aeronave de instrução, foi das primeiras a ser amplamente utilizada em missões de apoio de fogo, dispoñdo de duas metralhadoras *Browning 7.7mm*³⁵,

³² Em Apêndice características técnicas da aeronave *Mirage III E*.

³³ Os vários autores cujas obras foram consultadas neste trabalho, a entrevista ao TGEN Martins de Matos e elementos dos PAIGC emitiram opiniões neste sentido (ver anexo D).

³⁴ Como por exemplo Pedro Pires e Osvaldo Lopes da Silva.

³⁵ Retiradas de *Hurricanes* e *Spitfires* e adaptadas ao T-6G em Alverca.

foguetes de 37mm, duas bombas de 50kg, seis de 15kg e duas bombas de Napalm (100lt/80kg). Esta configuração de armamento numa aeronave leve e com autonomia até três horas de voo, permitia um apoio de fogo bastante efetivo e flexível (Cann, 2015). Sendo uma aeronave lenta viu a sua contribuição reduzir-se após o abate das aeronaves da FAP pelo SA-7 a partir de abril de 1973³⁶, no entanto retomou algum contributo para as operações na forma de bombardeamento horizontal acima dos 10.000 pés na fase final da guerra. (Hurley & Matos, 2014)

Após a imposição da NATO para que Portugal retirasse os seus F-86 *Sabre* em 1964, urge dotar o PA português de uma aeronave moderna de intervenção rápida, com possibilidade de ataque ao solo que viesse substituir a perda da capacidade operacional da retirada dos *Sabre*. Assim surge o *Fiat G-91* na versão R4 (figura 8).



Figura 8: Fiat G-91/R4 na BA12, Bissalanca

Fonte: (Asasdeferro.blogspot,2017)

De origem italiana, mas adquirido à Republica Federal Alemã, o *Fiat G-91* veio recuperar a capacidade de intervenção aérea rápida no TO da Guiné e desempenhar um relevante papel de apoio de fogo. Na sua versão R4, era equipado com quatro metralhadoras *Browning Colt M3*, calibre 12,7 mm, duas bombas de 200kg, 500 ou 750 libras e quatro de 50kg.³⁷

Sendo a principal aeronave de ataque o *Fiat G-91* assumiu de 1966 em diante com a constituição da Esquadra nº 121 “Tigres” o papel operacional de destaque nas missões de ATAP, ATIP e ATIR, como também RFOT.

Na efetividade do seu emprego deve considerar-se que com velocidade máxima de cerca três de vezes superior ao T-6G, o *Fiat G-91*³⁸ trouxe um relevante aumento da

³⁶Vide “Acta da Reunião de Comandos” realizada em 15 de maio de 1973 em Bissau.

³⁷ A colocação de bombas de napalm, de 200kg, de 500 ou 750 libras implicava a retirada dos tanques de combustível das asas; as bombas mais pesadas tinham que ser largadas de seguida (Matos, 2017).

³⁸ Em Apêndice características técnicas da aeronave Fiat G91.

capacidade operacional do PA no TO (Cann, 2015, p. 264). Embora com limitado potencial ofensivo de ataque ao solo, sobretudo na fraca capacidade de penetração das suas munições de 12.7 mm e questionável desempenho das suas bombas de 200kg (Matos, 2017) nas densas matas, mangueirais e construções da *bagabaga*³⁹ a velocidade com que era empregue em qualquer área do TO utilizando o armamento disponível, com especial destaque das bombas de 750 libras⁴⁰ providenciava muitas vezes a vantagem tática às tropas no solo sobre o PAIGC.

A versão R3 exibindo dois canhões *DEFA* de 30 mm teria tido ainda superior impacto na efetividade no apoio de fogo ao solo pela sua maior capacidade de penetração nas densas florestas e mangais do território. (Matos, 2017)

Nas missões de transporte (que variavam de simples transporte geral de pessoal até transporte logístico, correio, etc.) como na vital missão de evacuação sanitária (figura 9), normalmente eram utilizadas as aeronaves *ALIII* e Do-27 pela sua capacidade de aterrar em pistas curtas ou de fraca qualidade. A efetividade das evacuações sanitárias tinha reflexo direto quer no moral das tropas pela expectativa de maior probabilidade de sobrevivência em caso de ferimento, quer na fulcral política de apoio às populações, pelo efetivo apoio a doentes e consequente presumível efeito de sedução.



Figura 9: Evacuação Sanitária por ALIII

Fonte: (Arlindo Roda, 2017)

Além destas missões, assume especial relevância pelo impacto direto nas operações e no conflito em geral a mobilidade, flexibilidade e velocidade que o já mencionado transporte de assalto por *ALIII* (figura 10) trouxe lançando infantaria em localizações e no *timing* chave (Cann, 1997). Estas operações, usualmente caracterizadas pelo assalto de vinte homens (grupos de combate de Comandos ou Caçadores Para-quedistas) inseridos por cinco

³⁹ Construções no solo de areia solidificada com secreção de saliva de térmitas.

⁴⁰ Utilizadas a partir de 1973 e provavelmente originárias da aeronave P2-V5 (Matos, 2017).

helicópteros mais um helicanhão em escolta (Cann, 2015, p. 198).



Figura 10: Preparação de Heli-assalto

Fonte: (TGEN Alfredo Cruz, 2017)

Tal como hoje se advoga na doutrina de contrainsurgência, já nas décadas de sessenta e setenta do século passado nos teatros ultramarinos a obtenção de informações joga um papel primordial no combate à insurgência. Desta forma foi efetuado um esforço de reequipamento apostado a manter esta vertente de aplicação do PA sempre em atividade.

O reconhecimento e informações, com o emprego de aeronaves C-47, Do-27, e *Fiat* G-91, obtinha uma *picture* fotográfica da área de operações e dados atualizados que se poderiam seguidamente confirmar pelo RVIS. Importa salientar que o RVIS era efetuado sistematicamente, mesmo sem associação à realização de operações de forças terrestres. (Cann, 2015)

Esta importante capacidade oferecida pelo PA, atribui considerável vantagem às FFAA portuguesas, porquanto possibilitava ao Comando planear, dirigir e executar precisas operações de assalto, ataque planeado a infraestruturas, linhas de comunicações e bases logísticas. As imagens e os relatórios de observações efetuadas por RVIS E RFOT eram enviadas continuamente à componente terrestre para que esta pudesse, depois de análise, planear operações. O ataque aéreo durante um RVIS ou RFOT era até desencorajado pois era preferível manter a “invisibilidade” do meio de recolha para não comprometer pondo o adversário ao corrente da sua deteção e, ao invés, conduzir as forças terrestres ate ao contato (Cann, 2015).

O impacto das operações de RVIS e RFOT terá certamente sido bastante efetivo, como são exemplo a obtenção de inúmeras imagens, sendo mais tarde alvos destruídos, e o esforço que o PAIGC foi tentando desenvolver em técnicas ativas e passivas de defesa. (Cann, 2015).



Neste capítulo dedicado à análise da efetividade do PA, torna-se importante dar algum destaque à introdução do míssil SA-7 “*Strela*” no TO da Guiné em 1973 e consequentes efeitos nessa mesma efetividade.

Com efeito e conforme anterior alusão, acerca desta temática parece prevalecer alguma disputa quanto a capacidade e sucesso da atividade aérea da Força Aérea no período que se sucedeu ao abate de cinco aeronaves entre março e abril de 1973.⁴¹

Uma análise aos documentos da época, nomeadamente à “*Acta da Reunião de Comandos*” de 1973 em Bissau, como também aos depoimentos dos pilotos que viveram na primeira pessoa este período, expressa alguma desorientação e preocupação como o surgimento da nova arma antiaérea e seus efeitos devastadores num curto espaço de tempo.

Segue-se um período de cancelamento de várias missões até se apurar qual a nova arma e contramedidas a aplicar, o que sucedeu com a informação a chegar, lentamente, através da Força Aérea Americana que já enfrentara esta arma no Vietname (Bispo, 2010). Com o estudo das características do SA-7, foram adotadas seguintes contramedidas: cancelamento das missões de T-6G nas missões de ATAP/ATIP/ATIR e DO-27 nas missões RVIS e de PCV, na restrição do *Fiat G-91* em executar somente ATAP/ATIP/ATIR com entrada a 10.000 pés e saída a 3000 pés, na redução das missões de TGER e de TEVS (com efeito altamente negativo na moral das tropas e populações) e na redução da carga autorizada para a aeronaves *Noratlans* e *C-47 Dakota*. (Hurley & Matos, 2014).

Todavia a principal vulnerabilidade do míssil eram as suas limitações técnicas, especificamente contra aeronaves a baixa altitude onde era pouco eficaz e o seu alcance máximo de 10.000 pés em altitude. Também, libertava muito fumo o que favorecia a sua rápida deteção e local de lançamento (Bispo, 2010).

Com a aplicação das medidas anteriormente mencionadas, de abril de 1973 a janeiro de 1974, pese embora várias tentativas, apenas mais uma aeronave foi abatida, o que comprova o sucesso das medidas aplicadas contra o efeito SA-7.

De qualquer forma, a chegada desta componente antiaérea no TO originando a alteração da forma de emprego dos meios aéreos favoreceu o desenvolvimento de um forte sentimento de insegurança, pelo receio da perda da supremacia aérea⁴² e consequente incapacidade de execução das missões referidas.

⁴¹ Foram abatidos em 1973 dois *Fiat G-91*, dois *Do-27* e um *T-6G*; só passados mais nove meses voltou a haver um abate de uma aeronave *Fiat G-91*, em janeiro de 1974 com recuperação do piloto com sucesso.

⁴² Ver anexo “*Acta da Reunião de Comando*”.

Numa abordagem de estudo da efetividade, verifica-se que apesar do período “conturbado” de final de março-maio de 1973 e da alteração do perfil de emprego das aeronaves (sobretudo a pouca exploração da frota T-6G devido ao SA-7), verificamos que a FAP efetuou noventa e cinco por cento do total de H/V voadas em 1972 (Bispo, 2010), refletindo uma maior exploração do sistema de armas *Fiat G-91* (Hurley & Matos, 2014)).

Também, foi possível apurar (Matos, 2017) que apesar do sentimento geral que a “FAP voava menos” ou “deixou de voar”, conforme várias declarações de intervenientes (sobretudo das forças terrestres) na série “*A Guerra*” exibida na RTP e da autoria de Joaquim Furtado, o novo perfil de voo e ataque transmitia a ideia errónea que os “aviões não voavam” ou “eu não os via”, mas como abaixo se demonstra graficamente os níveis voo retomaram aos anteriores ao surgimento do SA-7, conforme análise aos gráficos 2 e 3.

Ainda, constatou-se que o emprego das bombas de 750lbs trouxe um elevar da capacidade destrutiva e de efetividade nas missões de ataque ao solo⁴³, ainda que largadas a maior altitude. (Matos, 2017)

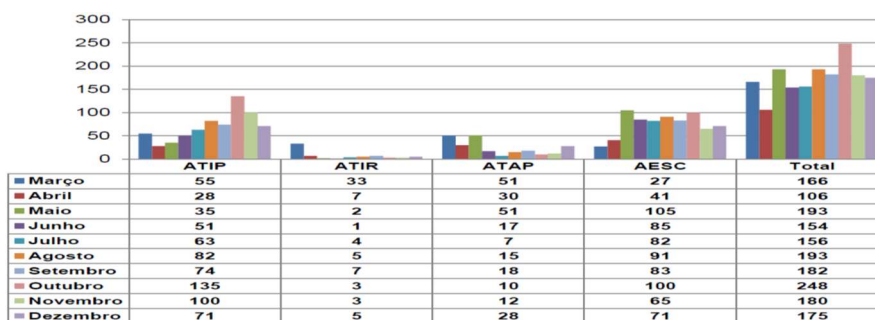


Gráfico 2: Ações aéreas de ataque em 1973

Fonte: (Hurley & Matos, 2014)

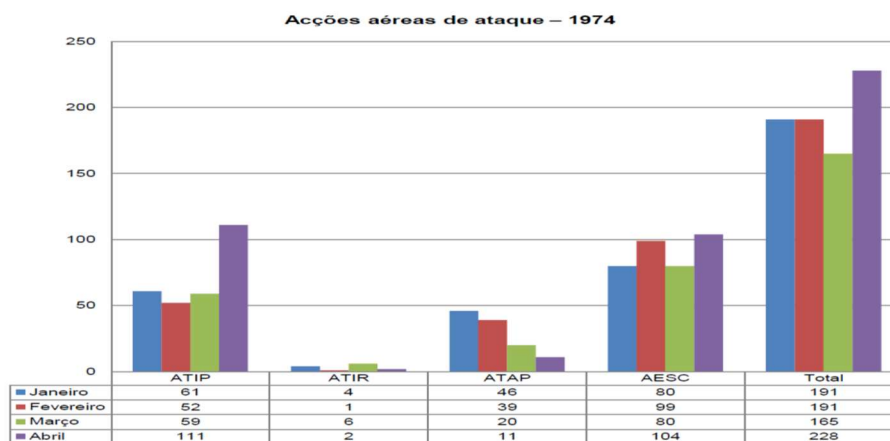


Gráfico 3: Ações aéreas de ataque em 1974

Fonte: (Hurley & Matos, 2014)

⁴³ Como exemplo o ataque aéreo à base do PAIGC de Kandiafara, na Guiné-Conacri, em junho de 1973, onde em três saídas consecutivas de seis Fiat G-91 foram largadas trinta e seis bombas 750 lbs num total de mais de 12 t de explosivos. (Matos, 2017)



Conclusões

A abordagem ao tema partiu da questão central “*A Estratégia Aérea utilizada nas Operações no período de 1972-1974 no TO da Guiné pelo PA Português foi efetiva e contribuiu para atingir os objetivos políticos e militares definidos para o TO da Guiné?*”

Para refletir acerca da estratégia aérea das FFAA empreendeu-se uma análise à atividade operacional da FAP no TO da Guiné entre os anos 1972-74.

O tema em questão procurou ser relevante para a FAP tratando-se duma investigação à atividade operacional da Força Aérea naquele que terá sido o seu maior desafio desde a sua criação até aos dias de hoje.

Na esfera deste estudo que visa compreensão e a explicação de acontecimentos passados, o procedimento metodológico seguiu um raciocínio essencialmente indutivo, optando por uma estratégia qualitativa com o propósito de alcançar um entendimento mais profundo e subjetivo do objeto de estudo.

Assumindo-se como uma pesquisa histórica, o desenho de pesquisa centrou-se na análise crítica de conteúdos oriundos de fontes verbais, textuais, impressas, primárias e secundárias.

O percurso metodológico escolhido assumiu as etapas de definição do problema, heurística, hermenêutica, síntese de dados e redação.

Durante a fase exploratória com o objetivo de aprofundar conhecimentos, verificar tendências e obter perspetivas diferentes acerca do tema objeto de estudo realizou-se uma intensa leitura de bibliografia, sendo que para tal foram selecionadas algumas obras que se consideram de referência.

Ainda, foram consultadas fontes documentais das quais se destaca pela importante contribuição para este trabalho a “*Acta da Reunião de Comandos*” realizada em 15 de maio de 1973, no Quartel-General do Comando-Chefe das Forças Armadas da Guiné.

No culminar da fase exploratória, efetuou-se uma entrevista ao Sr. TGEN Martins de Matos, piloto *Fiat G-91* com experiência operacional no TO e período em análise, que assumiu um papel preponderante neste estudo.

Avaliação dos resultados obtidos

Tendo em vista determinar o grau de adequação da estratégia aérea seguida no conflito da Guiné entre 1972-74 pelo PA português efetuou-se uma análise da estratégia empregue e a efetividade da sua aplicação. Para isso e decompondo a PP obteve-se duas perguntas derivadas que respondidas pela investigação, permitiram alcançar respetivamente os **OBJ1** e **OBJ2**.



A **PD1**: “*Quais os meios disponíveis, o dispositivo, a tipologia de missões, a doutrina no emprego do PA no TO e período em questão?*”

Ao longo do 3º e 4ª capítulos, foram elencados e analisados os meios aéreos, dispositivo e tipos de missões executadas pela FAP, tendo em conta as capacidades do adversário e especificidades do TO descritas no 2 capítulo.

Do trabalho analítico acima descrito inferiram-se as seguintes conclusões que materializam o **OE1**, nomeadamente:

- O dispositivo baseava-se na BA12 em Bissau com possibilidade de utilizar Aeródromos de Manobra;
- O PA no TO caracterizava-se pela utilização de aeronaves obsoletas providenciando efetivo Apoio de fogo, Transporte de pessoal e logístico, Reconhecimento e Informações e Comando e Controlo;
- O PAIGC apesar de utilizar armamento antiaéreo soviético do qual se destaca as ZPU 2 e 4, era incapaz de contrariar as operações aéreas;
- No Apoio de fogo as aeronaves *Fiat G-91*, apesar de capaz, não dispunha da autonomia de voo suficiente para sustentar operações mais exigentes na área leste da província;
- O meio utilizado com maior impacto nas operações terrestres foi o helicóptero *ALIII* destacando-se a mobilidade e surpresa em operações de assalto;
- A introdução do SA-7 no conflito em abril de 1973 foi coincidente com o esforço terrestre do PAIGC no ataque direto aos aquartelamentos portugueses não tendo, no entanto, conseguido (contando com a forte oposição do PA português) tomar qualquer posição das FFAA pela força das armas;
- Tendo perturbado a atuação da FAP sobretudo na restrição de operar aeronaves mais lentas como o T6-G, Do-27 ou o C-47, com a adoção de contramedidas e á luz dos dados apresentados nesta investigação o SA-7 não “impediu” a FAP de voar nem “Portugal perdeu a guerra depois do “*Strela*”, como se demonstra por somente nove meses depois (janeiro de 1974) ter sido abatida uma aeronave por essa arma e mantendo a FAP níveis semelhantes de H/V até abril de 1974;
- O Reconhecimento e informações, vital nestes conflitos subversivos, foi conduzido através do emprego de aeronaves C-47, Do-27 e *Fiat G-91*.

No âmbito do Transporte (pessoal, logístico, sanitário) a FAP, em virtude das restrições ao uso de Do-27 depois da chegada do SA-7, perdeu alguma capacidade de resposta.



A **PD2**: “De que forma evoluiu a efetividade e aplicação do PA, tendo em conta a oposição do adversário e/ou outros fatores limitativos?”, visou concluir quanto à doutrina de emprego das aeronaves e sua efetividade, ou seja, se a ação do PA produzia efeitos no decurso da guerra (**OE2**).

Com tal desiderato concluiu-se:

- De 1972 para 1973 houve um decréscimo de 779 H/V, inferindo-se que tal sucedeu devido à introdução do SA-7 com a redução da exploração operacional das frotas T6-G e DO-27.;

- As contramedidas ao SA-7 permitiram uma “recuperação” dos níveis exploração operacional das aeronaves até abril 1974;

- O PA português até 1973 destruía sistematicamente o complexo antiaéreo do PAIGC e providenciava o apoio de fogo adequado e que ao nível tático favorecia o prevalecer das forças de portuguesas;

- A aeronave *Fiat G-91*, sendo efetiva na sua ação, tinha limitações de autonomia de voo que, conjuntamente ao aparecimento do SA-7 e eventualmente de aeronaves MIG na Guiné, favorecia a aquisição de uma aeronave moderna;

- Era equacionada a aquisição de aeronaves caça *Dassault Mirage*, como também de helicópteros PUMA e de transporte AVIOCAR C-212, com direto aumento nas capacidades do PA;

- A efetividade das bombas de 200kg e das munições 12.7mm parece ser discutível;

- Após abril 1973 o emprego das bombas de 750lbs pelos *Fiat G-91* trouxe um elevar da capacidade destrutiva e de efetividade nas missões de ataque ao solo, ainda que largadas a maior altitude como contramedida ao emprego do SA-7;

- A utilização do helicóptero *ALIII* equipado com canhão de 20mm e cadência de 700 disparos por minuto teve uma efetividade e impacto muito significativo nas operações;

- Assumiu especial efetividade o TASS por *ALIII* caracterizado pelo assalto de grupos de combate de Comandos ou Caçadores Para-quedistas inseridos por cinco helicópteros mais um helicóptero em localizações e no *timing* chave;

- Como consequência da ameaça SA-7 a redução das missões de TGER e de TEVS através de Do-27, teve um efeito altamente negativo na moral das tropas;

- Na fase final da guerra em 1974 ocorre adaptação das aeronaves T-6G e C-47 para utilização em bombardeamento horizontal acima dos 10.000 pés;

- O PA nas missões de Reconhecimento e informações, com o emprego C-47, o Do-27 e *Fiat G-91* contribuiu diretamente nesta área crítica de sucesso permitindo à componente



terrestre planear, dirigir e executar precisas operações de assalto a bases logísticas, linhas de comunicação, etc.

Destas conclusões que se inferiram da presente investigação resulta uma resposta à PP - *A Estratégia Aérea utilizada nas Operações no período de 1972-1974 no TO da Guiné pelo PA Português foi efetiva e contribuiu para atingir os objetivos políticos e militares definidos para o TO da Guiné?* - no sentido em que apesar das limitações dos meios, da firme oposição e introdução de novas armas pelo do adversário, o PA acompanhou e adaptou-se às exigências do evoluir da guerra, mantendo um elevado grau de atividade e efetividade operacional no ponto fulcral da sua estratégia, o apoio às forças terrestres,

Exemplo da importância e efetividade do contributo do PA na estratégia político-militar é a desorientação e algum pessimismo⁴⁴ em abril de 1973 depois do cancelamento temporário das operações aéreas até à determinação da nova arma antiaérea do PAIGC. Também pela postura confiante e desafiadora que o PAIGC adquire depois de planear, que com o SA-7 iria anular o PA (A Guerra, 2007-2012), atacando diretamente vários aquartelamentos.

Sobretudo pela flexibilidade e capacidade de manter a iniciativa do lado português, obrigando o adversário a adaptar-se, o PA e a estratégia seguida, foram determinantes no desenrolar da Guerra de Guiné.

Contributo para o conhecimento

A inovação e contributo para o conhecimento desta investigação, no sentido diferenciador do termo, surge pela crítica das obras e perspetivas já existentes, pela integração desta informação com a resultante de outras fontes como documentários televisivos, relatórios e testemunhos pessoais recolhidos de forma indireta ou direta.

Segundo a perspetiva de *Dublin* para trabalhos desta natureza e também de acordo com a taxionomia de *Bloom/Krathwohl* foram formulados juízos expressos nas conclusões deste trabalho baseados na integração e análise crítica da informação recolhida. Destaca-se a resposta à PP que pretendeu demonstrar que, apesar das novas armas e postura utilizadas pelo adversário, PA soube adaptar-se mantendo um elevado grau de atividade e efetividade operacional no apoio às forças terrestres, ao mesmo passo que trouxe enorme potencial de flexibilidade às operações e capacidade de manter a iniciativa do lado português.

⁴⁴ Através da análise à “Acta da Reunião de Comandos”.



É de especial relevo o contributo para a visão agora apresentada, a entrevista a um piloto operacional da FAP no TO da Guiné sendo um relato na primeira pessoa acerca da experiência operacional.

As limitações enunciadas da aeronave *Fiat G-91* na configuração R4 com que foi adquirida, a falibilidade das munições 12.7mm e bombas de 200kg são exemplos inovadores face à bibliografia existente e provinda da entrevista acima mencionada.

Recomendações e outras considerações de ordem prática

Decorrente desta investigação sugere-se uma exposição, colóquio ou reflexão acerca das conclusões a que se chegou neste trabalho e que integre perspetivas diferentes acerca da efetividade do PA, com especial incidência no período pós SA-7. Este evento centrado na temática referida, poderá originar-se na esfera de competências do IUM, ou promovendo o IUM o envio à FAP do presente TII, no Museu do AR ou Academia da Força (AFA).

Seja assim considerado poderá ser promovida pelo Arquivo Histórico da Força Aérea ou outra entidade, uma investigação complementar à presente, *exempli gratia*, comparando a eficácia e eficiência de meios aéreos nas restantes províncias ultramarinas em conflito.

Ainda, acredita-se ser importante incutir nos jovens que ingressam na FAP, através da AFA ou Centro de Formação Militar e Técnica da Força Aérea, uma perspetiva histórica da FAP que ajude a formar o “espírito aeronáutico” nas suas mentes. Conhecer os desafios que instituição ultrapassou, como o que se estudou nesta investigação, terá impacto positivo na formação de um *esprit de corps* e *ethos* próprio da FAP.

Limitação da investigação e abertura para pesquisas futuras

A principal limitação encontrada nesta investigação prende-se com a impossibilidade prática de visitar locais e pessoas (ex-militares do PAIGC) na Guiné, recorrendo, todavia, a participações dos mesmos em documentários televisivos para colmatar esta lacuna. Também a ausência de quantitativos fidedignos que demonstrem as baixas infligidas ao adversário pelo PA⁴⁵ no âmbito das missões de Apoio de fogos.

⁴⁵ Avaliação de Danos ou *Battle Damage Assessment* (BDA).



Bibliografia

- A Guerra*. 2007-2012. [Filme] Realizado por Joaquim Furtado. Portugal: RTP.
- Afonso, A. & Gomes, C. M., 2000. *Guerra Colonial*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Notícias.
- Alves, L. d. F., 2004. *A Força Aérea na Guerra de África*. Lisboa: Prefácio.
- Bispo, A., 2010. *Revista Militar- N°2507*. s.l.:s.n.
- Bispo, A. d. J., 2013. *Da Estratégia Aérea*. 1ª ed. s.l.:Tribuna da História.
- Cann, J., 1997. *Contra Insurreição em África - O modo português de fazer a guerra*. Westport: Greenwood Press Publishing Group Inc..
- Cann, J. P., 2015. *Flight Plan Africa -Portuguese Airpower in Counterinsurgency 1961-1974*. Solihull: Helion & Company Limited.
- Editora, P., 2003-2016. *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa*. [Online] Available at: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/efetivo> [Acedido em 6 Dezembro 2016].
- Ferreira, J. B., 2009. *Em Nome da Pátria*. 1ª ed. Amadora: Dom Quixote.
- Ferreira, J. B. & Oliveira, H. N., 2015. *Guerra d'Africa 191-1974*. 1ª ed. Porto: Fronteira do Caos Editores.
- Hurley, M. & Matos, J., 2014. A Arma que mudou a Guerra. *Revista Militar n°2553*, Outubro.
- IESM, 2016. *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Porto: Fronteira do Caos.
- Matos, G. N. d. & Moniz, E., 1953. *A Nação Una*. Lisboa: Paulino Ferreira.
- Matos, J., 2012. A História secreta dos Mirage Portugueses. *Mais Alto*, Jan, p. 25.
- Matos, T. P. A. M. d., 2017. *Conflito da Guiné, Perspectiva Aérea* [Entrevista] (16 janeiro 2017).
- NATO, 2011. *AJP 3.4.4 ALLIED JOINT DOCTRINE*. s.l.:NATO.
- Rego, A. d. S., 1963. *Lições de Metodologia e Crítica Históricas*. Lisboa: Centro de Estudos Políticos e Sociais.
- Rodrigues, B., 1977. *A Vitória Traída*. Braga: Intervenção Lda.
- Vicente, T. J., 2010. O Poder Aéreo. *Boletim Temático n° 9*, Novembro, p. 9.
- Vilelas, J., 2009. *Investigação - O Processo de Construção do Conhecimento*. s.l.:Edições Sílabo .



Anexo Anx A-1 "Acta Reunião de Comandos" – Bissau, 15 de maio 1973 (excertos)

MUITO SECRETO DESCCLASSIFICADO	SECRETO DESCCLASSIFICADO	MUITO SECRETO DESCCLASSIFICADO
<p>Nas missões de ataque ao solo teve de ser eliminado o avião T-6, ficando aquelas missões desde agora cometidas aos FIAT G-91 em condições que impõem uma ligação terra-ar eficiente, o que se não julga possível com os meios actuais, e além disso, uma perfeita identificação dos objectivos e sua precisa indicação pelas FS aos aviões, o que raramente será possível em termos de eficácia do apoio, atentas as características do terreno em que actua as FS e as modalidades de acção actual do In. Os aviões T-6, ficando, de futuro, reservados apenas para o acompanhamento dos DO-27 em missões TGER, TMAN e TEVS e para acções DAGO realizadas todavia, a uma altitude de 6.000 pés, pouco compatível com este tipo de missão.</p> <p>A utilização dos helicópteros AL-III tem de sofrer também condicionamentos que se reflectem na eficácia das missões em que eram empregues, atentas as medidas de segurança impostas, e que se projectam nas helicópterações, evacuações da proximidade imediata do local de acção, recuperação de forças e TMAN no decorrer das operações. Além do mais, as pistas interditas para os DO ficando de futuro condicionadas para a utilização de helicópteros.</p> <p>Em consequência destas limitações, têm de ficar canceladas as seguintes acções aéreas:</p> <ul style="list-style-type: none">- DOON com DO-27 a baixa altitude- DAGO com T-6 armado- ATAP com T-6 armado- ATAP e ATIR com FIAT G-91 armado com foguetes e metralhadoras- RVIS com DO-27- TMAN com AL-III em condições de adequado rendimento das FS transportadas. <p>Ficam ainda as acções TGER limitadas às pistas não interditas, conforme já referi.</p>	<p>projectam em pleno os condicionalismos actuais. Solicitarei em seguida, aos Senhores Comandantes-Adjuntos a sua impressão sobre o In e a situação das Nossas Forças, bem como sobre o reflexo da situação actual e futura na sua esfera de responsabilidade; e ainda a definição das necessidades cuja carência se reflete no cumprimento das respectivas missões.</p> <p>Dou a palavra ao Chefe da Repartição de Informações."</p> <p>Tomou então a palavra o Chefe da Repartição de Informações, Tenente-Coronel Artur Batista Beirão, que leu a análise da situação que se junta em anexo a esta Acta (Anexo A).</p> <p>Seguidamente usou da palavra o Chefe da Repartição de Operações, Tenente-Coronel Mário Martins Pinto de Almeida que leu também o documento igualmente anexo a esta Acta e que constitui o seu Anexo B.</p> <p>O General Comandante-Chefe solicitou então as intervenções dos Comandantes-Adjuntos nos planos quer da sua apreciação pessoal da situação geral, quer no do seu reflexo no cumprimento das respectivas missões, dando a palavra em primeiro lugar ao Comandante da Zona Aérea, Coronel Moura Pinto, que começou por expressar o seu inteiro acordo com as opiniões expendidas pelos Chefes das Repartições de Informações e Operações e ao conteúdo das análises feitas, corroborando inteiramente as suas conclusões e partilhando da preocupação realmente motivada pela gravidade da situação no T.O.. Referindo-se às incidências da situação no cumprimento das missões da FAP, o Comandante da Zona Aérea disse:</p> <p>"A utilização pelo In, no T.O. da Guiné de mísseis terra-ar STERNA, originou profundas alterações nos procedimentos da Força Aérea, com reflexos na doutrina operacional, não só da Força Aérea, como ainda das FS. Mas para além disso originou também condicionamentos e restrições que são consequência das imperiosas medidas de segurança decorrentes das características obsoletas e inadequadas das aeronaves de que se dispõe, frente a um In na posse de uma arma anti-aérea moderníssima e eficiente.</p>	<p>ANEXO "D" À ACTA DA REUNIÃO DE COMANDOS DE 15 DE MAIO DE 1973</p> <p><u>MEIOS AÉREOS E DE DEFESA AÉREA NECESSÁRIOS, PARA ENFRENTAR A NOVA SITUAÇÃO NO T.O. DA GUINÉ</u></p> <ul style="list-style-type: none">- 8 aviões SKYVAN Para substituição dos DO-27 (transporte ligeiro).- 5 helicópteros equipados com armamento axial Para substituir os AL-III armados com canhão.- 12 aviões MIRAGE, ou de tipo semelhante, com boas possibilidades de ataque ao solo e interceptação e 300 milhas náuticas de raio de acção. Para substituir os T-6 e FIAT G-91- Radar de detecção, planimétrico e altimétrico, de longo alcance, que permita referenciar, sobre os territórios limítrofes, incursões dirigidas ao território nacional.- Mísseis terra-ar do tipo REDEYE Para atribuição às FS e actuando em ligação com o radar de detecção. <p>Bissau, 17 de Maio de 1973</p> <p>O COMANDANTE DA ZONA AÉREA DE CABO VERDE E GUINÉ</p> <p>GUALDINO NOURA PINTO CORONEL PIL. AV.</p>



Anexo Anx B-1 “Dispositivo das FFAA e do PAIGC em 1973”





Anexo AnxC-1 “Armas Antiaéreas usadas pelo PAIGC”



SG-M/43 *Goryunov* com rodas e tripé – 7,62mm



DSHK *Degtyarev* com rodas e tripé – 12,7 mm



ZPU-1, com 1 cano de 14,5 mm

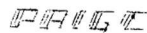


ZPU-2, com 2 canos de 14,5mm

Fontes: (*Armyrecognition*,2017)



Anexo Anx D-1 “Instruções para combate a helicópteros – PAIGC”

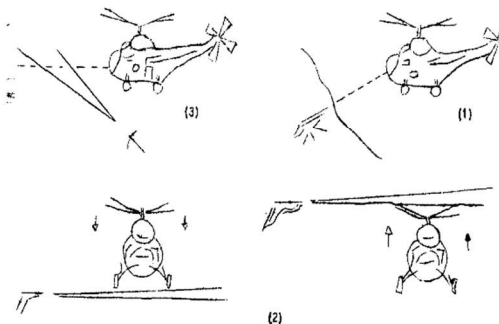


PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ E CABO VERDE

PARA O DESENVOLVIMENTO DA NOSSA LUTA
CONTRA OS HELICÓPTEROS

Do camarada Amílcar Cabral
aos combatentes (responsáveis
e militantes do Partido)

Junho 1967



- 17 -

O assalto contra o inimigo deve ser violento (duro), quando os soldados já estão em terra e ainda não tiveram tempo para se formarem para o combate. O assalto pode ser feito a uma distância de 50 - 60 m. Isso permite usar armas como as PM e evitar que os aviões inimigos ataquem as nossas forças.

10. CONCLUSÕES

Devemos estar sempre dispostos em todos os aspectos (ideológico, político, organização, militar) para combater os helicópteros em qualquer caso que seja. Devemos ter sempre um plano de combate para enfrentar os helicópteros, e preparados para aniquilar activamente o inimigo.

Temos de ser activos, móveis, ágeis e com iniciativa, conhecer bem a situação do inimigo, a maneira e os meios da sua acção, para fazer um plano, atacar os seus pontos fracos, levá-lo a cometer erros e a combater onde queremos.

Vimos que o uso dos helicópteros tem vantagens (forças) e desvantagens (fraquezas). Devemos fazer tudo para enfraquecer as suas forças e para tornar maiores as suas fraquezas.

Vimos, pelo que fica dito, que podemos conhecer bem os helicópteros, as suas forças e fraquezas, a maneira de lutar contra eles, e ter, assim, a certeza de que podemos destruí-los. Podemos ainda atacar e destruir os soldados que eles transportam, causando grandes baixas ao inimigo e infligir-lhe mais uma derrota que pode ser decisiva para a nossa luta.

Não há a menor dúvida de que, se os responsáveis e militantes da nossa luta estudarem bem este documento e forem capazes de levá-lo à prática (realizar o que nele está dito) podemos combater e aniquilar os helicópteros, tirando aos tucos esta nova arma que são as operações com tropas héli-transportadas (carregadas em helicópteros). Se introduzirmos o nosso povo e os combatentes como deve ser, usamos bem as armas que temos e alevamos cada dia mais a nossa coragem e decisão de lutar contra todas as forças do inimigo, podemos ganhar a batalha contra os helicópteros. Para isso devemos lembrar-nos sempre dos males que os helicópteros e todos os inimigos fazem ou podem fazer ao nosso povo: devemos adiar o inimigo e o seu material de guerra, para destruí-los com força e libertar a nossa terra.

No Vietnam, quando os imperialistas americanos começaram a usar os helicópteros em grande quantidade, todas as bases e depósitos de material de guerrilha foram destruídos pelo inimigo. Mas o povo e os combatentes do Vietnam encheram-se de coragem, apun-

.../...



Apêndice Apd A-1 "Conflito na Guiné, perspetiva aérea"

Entrevista ao Sr. TGEN António Martins de Matos, Lisboa, 16 de janeiro 2017

(Tópicos essenciais validados)

1. Considerações acerca do TO – Geografia, Topografia;
2. Situação Militar Geral na Guiné no período 1972-74
3. Estratégia Aérea;
4. Meios Aéreos utilizados – enfoque Fiat-G91, Do-27;
5. Exploração Operacional dos Meios Aéreos – Limitações;
6. Dispositivos Terrestre e considerações estratégicas;
7. A dimensão Civil-Militar da era Spínola – “Apoio sanitário, económico e social às populações;
8. A estrutura de Comando das FFAA no CTIG;
9. As missões da FAP;
10. O surgimento do SA-7 “Strela” - características, limitações e contramedidas;
11. As efetividades das Aeronaves – sistemas de armas e munições;
12. A ameaça MIG-realidade ou ficção;
13. As efetividades das munições 750lbs;
14. O mito da Força Aérea não voar.

Entrevista disponível em gravação áudio mediante autorização do entrevistado



Apêndice Apd B-1 “Mirage IIIE vs Fiat G91”



Installed Power and Standard Day Performance

Propulsion: 1 x SNECMA Atar 09C turbojet engine developing 13,228lbs of thrust with afterburner.

Maximum Speed: 1,312 mph (2,112 kph; 1,140 knots)

Maximum Range: 1,000 miles (1,610 km)

Service Ceiling: 65,617 feet (20,000 meters; 12.43 miles)

Rate-of-Climb: 16,400 feet-per-minute (4,999 m/min)

Armament / Mission Payload

STANDARD:

2 x 30mm DEFA 552 internal cannons

OPTIONAL:

Up to 8,800lbs of external ordnance that can include (depending on variant):

2 x AIM-9 Sidewinder OR 2 x Matra R550 Magic air-to-air missiles.

1 x Matra R.530 air-to-air missile

2 x Matra JL-100 drop tank/rocket pod (19 x 68mm SNEB rockets).

1 x AN 52 Nuclear Bomb (French Air Force)



Weight (MTOW): 12,125 lb (5,500 kg)

Installed Power and Standard Day Performance

Engine(s): 1 x Fiat / Bristol Orpheus 803 turbojet engine developing 5,000 lb of thrust.

Maximum Speed: 668 mph (1,075 kph; 580 knots)

Maximum Range: 391 miles (630 km)

Service Ceiling: 42,979 feet (13,100 meters; 8.14 miles)

Rate-of-Climb: 5,990 feet-per-minute (1,826 m/min)

Armament / Mission Payload

STANDARD:

4 x 12.7mm M2 Browning machine guns OR 2 x 30mm DEFA cannons.

OPTIONAL:

Up to 1,100lbs of external ordnance including conventional drop bombs, rocket pods, gun pods and auxiliary fuel tanks across two or four underwing hardpoints.

Fonte: (militaryfactory,2017)

Apêndice Apd C-1 “Outras aeronaves utilizadas pela FAP no CTIG” I



SudAviation Allouette III



Structural (Crew Space, Dimensions and Weights)

Operating Crew: 2
Length: 42.13 feet (12.84 meters)
Width: 36.15 feet (11.02 meters)
Height: 9.84 feet (3.00 meters)
Weight (Empty): 2,474 lb (1,122 kg)
Weight (MTOW): 4,850 lb (2,200 kg)

Installed Power and Standard Day Performance

Engine(s): 1 x Turbomeca Artouste IIIB turboshaft engine developing 570 horsepower while driving the main three-blade rotor and a three-blade tail system.
Maximum Speed: 130 mph (210 kph; 113 knots)
Maximum Range: 298 miles (480 km)
Service Ceiling: 7,379 feet (2,249 meters; 1.40 miles)
Rate-of-Climb: 885 feet-per-minute (270 m/min)

Armament / Mission Payload

Mission specific armament can include any of the following:
1 x 7.62mm machine gun (mounted on tripod in right-side doorway).
1 x 20mm cannon fixed to left-side of fuselage
2 or 4 x AS-11 anti-tank missiles
2 x Mk-44 Torpedoes

North American T-6



Structural (Crew Space, Dimensions and Weights)

Operating Crew: 2
Length: 29.00 feet (8.84 meters)
Width: 41.99 feet (12.80 meters)
Height: 11.68 feet (3.56 meters)
Weight (Empty): 3,900 lb (1,769 kg)
Weight (MTOW): 5,699 lb (2,585 kg)

Installed Power and Standard Day Performance

Engine(s): 1 x Pratt & Whitney R-1340-49 radial piston engine developing 600 horsepower.
Maximum Speed: 209 mph (337 kph; 182 knots)
Maximum Range: 750 miles (1,207 km)
Service Ceiling: 24,199 feet (7,376 meters; 4.58 miles)

Armament / Mission Payload

OPTIONAL:
1 OR 2 x 7.62mm machine fixed machine gun(s).



Dornier 27



General characteristics

Crew: 1
Capacity: 4-6 passengers
Length: 9,60 m
Wingspan: 12 m
Height: 2,80 m
Wing area: 19,4 m²
Empty weight: 1073 kg
Max. takeoff weight: 1850 kg
Max. weight carried: 720 kg
Powerplant: 1 × Lycoming GO-480-B1A6 6-cylinder piston engine, 201 kW (270 hp)

Performance

Never exceed speed: 333 km/h (180 kn)
Maximum speed: 232 km/h (125 kn)
Cruise speed: 211 km/h (114 kn)
Stall speed: 74 km/h (40 kn)
Take off distance: 185 m
Landing distance: 80 m
Initial climb rate: 1082,68 ft/min 5.50 m/s
Range: 1287 km (695 nm)
Service ceiling: 3290 m (10.800 ft)
Motor: AVCO Lycoming GO-480-B1A6
Power rating (max.): 270 hp

C-47 Dakota



Structural (Crew Space, Dimensions and Weights)

Operating Crew: 3
Length: 63.75 feet (19.43 meters)
Width: 95.51 feet (29.11 meters)
Height: 16.99 feet (5.18 meters)
Weight (Empty): 18,199 lb (8,255 kg)
Weight (MTOW): 25,999 lb (11,793 kg)

Installed Power and Standard Day Performance

Engine(s): 2 × Pratt & Whintey R-1830-92 14-cylinder radial piston engines developing 1,200 horsepower each.
Maximum Speed: 230 mph (370 kph; 200 knots)
Maximum Range: 1,600 miles (2,575 km)
Service Ceiling: 33,999 feet (7,315 meters; 4.55 miles)
Rate-of-Climb: 1,041 feet-per-minute (317 m/min)

Armament / Mission Payload

None. Post-war gunship models were outfitted with miniguns for close support work.

Fontes: (militaryfactory,2017)